

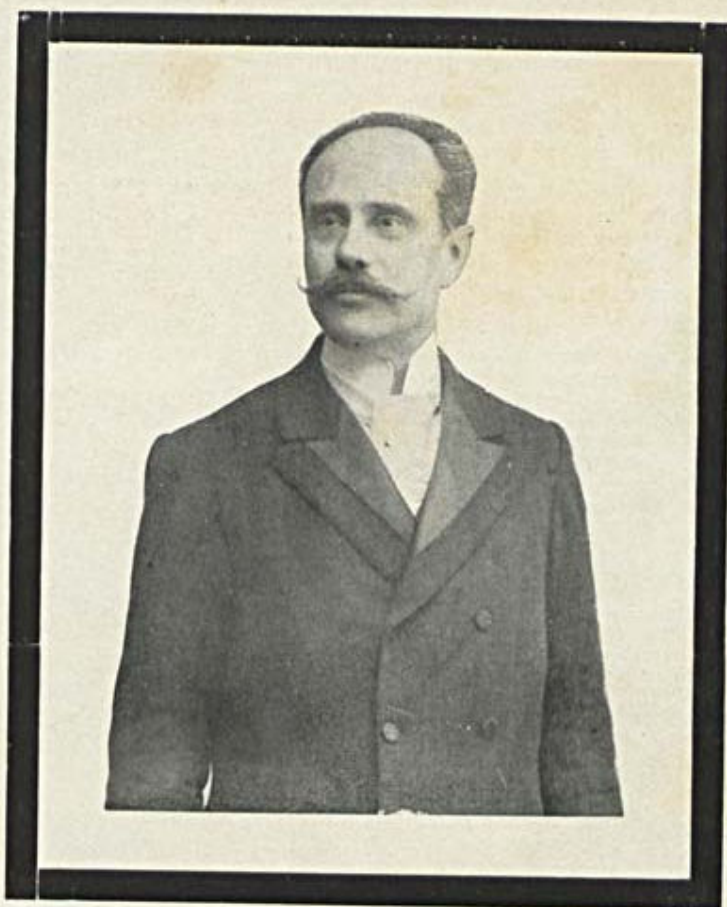
# BRASIL — PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1907

N.º 205

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

## Morte repentina do conselheiro Hintze Ribeiro



*La entrar na machina esta Revista quando nos foi communicada de chofre a morte tragica d'este estadista eminente. Entre uma dôr que nos assaltava e um dever que se nos impunha, forçoso era optar pelo dever, tomar a penna e fixar n'uma pagina d'este jornal a noticia do infaustissimo acontecimento. E' o que estamos fazendo com o coração retalhado e os olhos marejados de lagrimas. Doloroso dever, com effeito, para aquelles que muito lhe quizeram, que sempre o admiraram e que nunca deixaram de prestar ás suas qualidades excepcionaes, de estadista, de homem e de grande cidadão, todas as homenagens que lhes eram devidas. Hoje, aqui fica apenas nas columnas do «Brasil-Portugal» o registo da morte do homem illustre, cuja vida gloriosa, e cuja situação dominante na politica portugueza, mais de uma vez foram postas em relevo pela nossa estima e pela nossa admiração. Fica para o numero immediato a sua honrosa biographia, a critica do seu valor, do seu trabalho e dos seus serviços, e pelas suas formas da gravura, a homenagem sincera e espontanea da nossa admiração pelo homem d'Estado que desapareceu e da nossa saudade pelo caracter diamantino, e pela lealdade fidalga que caracterisavam esta nobre individualidade. Neste rapido á ultima hora só nos cumpre lamentar com o paiz inteiro a perda irreparavel que elle soffre e que enluta o partido politico de que elle foi o supremo chefe, e que enche de profunda magua todos os que entre nós mais conviveram na sua intimidade — souberam apreciar a grandeza da sua alma e a infinita bondade do seu coração.*



# VIDA ELEGANTE

## UM CASAMENTO EM ROMA

**E**xpressamente enviadas para o *Brasil-Portugal* publicamos hoje duas photographias referentes ao casamento realizado no mez findo, em Roma, na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, entre o sr. Alfredo Monteverde, conselheiro da legação de Portugal e miss Florence Halsted Boylan Weds.

Os padrinhos foram, por parte do noivo, a Rainha Senhora D. Maria Pia que se fez representar pelo conselheiro Miguel d'Antas embaixador de Portugal junto do Vaticano e o sr. Visconde de S. João da Pesqueira, addido à embaixada, e por parte da noiva o sr. Lloyd C. Griscom, embaixador dos Estados Unidos, e a sr.<sup>a</sup> Viscondessa d'Audigné, respectivamente representados pelos srs. Robert M. Winthrop, secretario da embaixada, e conde Giuseppe Seni.

A cerimonia, que foi celebrada pelo sr. bispo de Macau, assistiu tudo quanto em Roma existe de mais aristocratico e distincto.

## EM EVIDENCIA

**D**iplomata, a distincção das suas maneiras é um modo de ser da sua aristocratica elegancia. Sem affectação, lhana, é uma *dame du monde* perfeita, cujo brilho não ofusca o das virtudes de mãe e de esposa que a enaltecem.

Nas suas reuniões, quer em Lisboa, quer no verão, em Cascaes, no seu terraço, sobre o mar, onde se alternam os grandes nomes e as grandes elegancias da nossa sociedade, nas suas reuniões, ani-



A sr. D. Josephina de Castelbranco Ribeiro da Cunha  
(Cliché Vicente G. da Silva — Fauchal).

madas, ha o grande encanto de sua primorosa amabilidade, que a todos fascina.

Sem *coteries*, por todos *choyée*, desejada e notada em todas as grandes partes do mundo *swell*, todas conquista pelas qualidades que adornam o seu espirito, entre as quaes brilha a sua bondade.

**Zédo.**

## EM FÓCO

**N**a loteria da vida sahiu-lhe a sorte grande da juventude eterna!  
Citado como um Brummell na geração de hontem.  
Citado como um marquez de Priola na geração de hoje.  
Citado, pela certa, como um *beau ténébreux* de 1830 na geração de amanhã.

Passam os annos, passam os homens, passam as modas, passam

as mulheres, e elle passa... mas é a cavallo, sempre novo, sempre fresco, sempre *dandy*, Avenida acima, a caminho do Campo Grande!

Contando as conquistas como um Fortunio, vê-se que conquistou tambem a Juventude. Ou ella não fosse mulher!...

De braço dado com ella tem atravessado a vida. Com ella foi rapasinho solteiro, homem casado, pae de familia e avô.

Com ella vive na sua artistica e elegante *garçonnière* do Rocio.



Conde de Paço do Lumiar

(Cliché Bobone — Lisboa).

com ella gosa a sua viagem annual e com ella faz ahi por essa cidade a inveja de muito rapaz e a admiração de muita rapariga!

Deus lh'a conserve porque a merece.

**Pilula Pink.**

## Os filhos dos srs. Condes de S. Lourenço



João e Antonio Vasco

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisboa).

**S**ão duas creanças gentilissimas. Isto diz tudo e nem mesmo isto era preciso d'zer porque o attesta a photographia que publicamos na qual as suas posições arrogantes, como se fossem dois velhos lobos do mar, formam um contraste encantador com os seus rostos pequeninos e o seu olhar ainda candido.

Biographia ainda a não teem. A sua biographia é como a de todas as creanças feita de lagrimas e de sorrisos — lagrimas que nunca significam dôres fundas e sorrisos que nunca envolvem pensamentos reservados.

Representantes d'uma das casas mais nobres do paiz, Deus de certo os fadou para honra da sua familia e gloria de Portugal.



# Politica internacional

**A** pesar da victoria da colligação na Hungria e do seu advento ao poder com a nomeação do ministerio presidido pelo Dr. Weckerlé, é certo que no reino de Santo Estevam as cousas não se passam no melhor dos mundos possíveis. Por mais de uma vez até já se chegou a dar o governo em crise, e não ha duvida que a situação está longe de ser tranquilisadora.

As questões que preocupam os ministros e commovem a opinião são de duas ordens: as que interessam as relações das duas metades

de imperio, e as que se referem ao que podemos chamar a politica interna do reino. Em ambos estes capitulos ha incidentes inquietadores, que d'um momento para o outro podem determinar perigosa explosão.

Nas relações com a Austria, e sobretudo com a corôa o accordo está longe de ser completo.

O ministerio fiel aos seus compromissos e instigado pela extrema esquerda do partido da independencia, que não lhe perdoa a transigencia na questão da lingua para as vozes do commando militar, procura reaquirir o seu antigo prestigio insistindo n'uma lei de garantias constitucionaes para a Hungria, que a puzesse ao abrigo de novas tentativas como as anteriormente realisadas pelo conde de Tisza e pelo barão de Fékerváry. O imperador, aconselhado pela camarilha de Vienna, resiste, e n'este termos o conflicto latente ameaça mais cedo ou mais tarde transformar-se em nova lucta entre a corôa e o partido da independencia.

Por outro lado, e apesar de sobre este ponto se ter chegado a um *modus vivendi*, a questão das relações economicas entre os dois estados da monarchia está longe tambem de se achar definitivamente resolvida. Os húngaros insistem pela completa separação economica, prologo para elles da completa separação politica a que aspiram. Os austriacos exactamente pelas

## Um casamento em Roma



Miss Florence Halsted Boylan Weds  
A noiva de Alfredo Monteverde

mesmas razões e prevendo o inevitavel resultado das tentativas magyares, contrariam n'as systematicamente, levantando-lhes contra a realisação d'ellas toda a casta de embaraços. E' cego quem não vir o termo fatal d'esta divergencia.

Se estas difficuldades entre os dois estados são grandes, podemos mesmo dizer irreductiveis, as que surgem dentro da Hungria propriamente dita não são menores.

O ponto fraco da Hungria é não ser um estado homogéneo, occupado completamente pela mesma população. O elemento magyar, que domina politicamente a nação, que faz as leis, que constitue os ministerios, que dá o alto pessoal burocratico, e que levanta todas as questões de incompatibilidade com a Austria, está de facto em minoria. Os magyares não passam de uns 8 milhões n'um estado que conta actualmente perto da 20 milhões de almas.

O que na Hungria constitue a maioria dos habitantes é o bloco anti-magyar formado por allemães, slovacos, rumenos, e croatas. Por esta simples indicação vê-se desde logo como é difficil para os magyares continuarem a manter no estado a hegemonia de que hoje em dia disfructam, sobretudo se attendermos a que as outras nacionalidades são ciosissimas dos seus direitos e que tiram da attitude da Hungria em frente da Austria exemplo e incentivo para as suas proprias reivindicções. Estas hostilidades internas enfraquecem a nação, quando se trata de reclamar da outra metade do imperio respeito para as suas aspirações separatistas.

Como pôdem, com effeito, os homens de estado húngaros condemnar nos rumenos ou nos croatas o que elles proprios praticam quando se trata dos austriacos? E' este o ponto fraco da questão magyar.

Agora mesmo está levantado na Transleithana um conflicto, que colloca o governo húngaro nas mais sérias difficuldades. Para uniformisar a legislação sobre caminhos de ferro o ministerio apresentou um projecto de lei no

qual se estabelece para os caminhos de ferro da Croacia a obrigação de os empregados conhecerem a lingua magyar, afim de n'esta lingua se corresponderem com a administração central, embora continuem a empregar o croata nas relações com o publico. Foi este o pómo de discordia.

No parlamento de Budapest os deputados croatas levantaram ruidosamente a questão, e embora o ministro dos caminhos de ferro lhes tivesse respondido que não havia perseguição alguma contra a lingua nacional, porisso que ella continuava a ser livremente empregada com o publico, e que o magyar como lingua official do estado devia ser adoptado nas relações officiaes, elles não se deram por satisfeitos e inauguraram o obstruccionismo que deu lugar a diversos incidentes tumultuosos na Camara. Por fim, depois de varias scenas violentas, os deputados croatas abandonaram em massa o parlamento de Budapest e foram para Agram recommear a agitação, que se vae estendendo por todo o paiz e terá provavelmente como consequencia a dissolução da dieta local.

O que se seguirá depois? Os animos estão exaltadissimos e falla-se em nada menos do que em reclamar a separação, creando-se uma especie de «Grande Croacia» com o actual *Banato* e os elementos croatas da Bosnia.

E' claro que esta solução não é de recear, visto que a ella se opporá energeticamente o governo húngaro em nome da unidade nacional. Mas nem porisso deixa de ser perigosa a actual agitação, que pôde ir reflectir-se nos demais elementos não magyares do reino, como, por exemplo, os rumenos e os slovacos. Demais o actual conflicto é particularmente grave porque se trata de uma das populações mais civilisadas do reino. Os croatas são um povo adiantadissimo, de uma larga cultura e com tradições historicas muito vivazes.

Agram é um centro de estudos de primeira ordem, e pôde considerar-se como a verdadeira capital intellectual de todos os slavs do sul. N'estes termos a opposição irreductivel de uma população assim, que numericamente fórma um grupo compacto de perto de tres milhões de individuos, pôde crear serios embaraços ao governo de Budapest e ser um fermento de dissolução muito perigoso.

Quem deve folgar com estas difficuldades são os conservadores de Vienna, para os quaes se affigura ganho tudo quanto contribue para augmentar os embaraços do governo húngaro.

Os assumptos da Coréa estão chamando as attenções geraes. O incidente que deu lugar á agitação actual, foi a chegada de uma missão coreana a Haya afim de tomar parte na conferencia, que ali se acha reunida. O Japão protestou e os delegados coreanos não foram admitidos. Ao mesmo tempo o governo japonéz procedia com a maxima presteza em Séul. O Marquez Ito, residente geral, reassumiu o o seu posto. Logo a seguir foi obrigado a abdicar o imperador Lu-Hi, sendo nomeado para lhe succeder o principe imperial, que vae ser um mero titeré nas mãos dos japonezes. E adeantando-se ás chronicas dos correspondentes já hoje o telegrapho nos diz, que o Japão assumiu a fiscalisação superior de toda a administração coreana, e que está procedendo á occupação militar do paiz. Quer dizer, acabou essa ficticia independencia, que desde a guerra russo-japonez tinha sido concedida á Coréa pelos vencedores. Era de prevér e está na logica dos acontecimentos.

Temol-o dito repetidas vezes n'estas chronicas e especialmente o accentuámos por occasião da guerra no extremo Oriente: o Japão carece absolutamente para a sua expansão economica da posse completa da Coréa. A collocação do excesso da população, que tão apertada está nas ilhas e a alimentação d'ella, necessitam da terra fronteira no continente asiatico, que tem espaço de sobra e colheitas abundantes para dar exactamente ao Japão o que lhe falta em terras



Um casamento em Roma

Depois da cerimonia. — Os noivos e as sr.<sup>as</sup> Marqueza de Rudini, miss Elisabeth Boylan, Condessa Moroni Pecci, madame Barros Moreira, Princesa Orsini, D. Bebeta Bandini, Duqueza Sforza, Condessa Bezzi Scali e Viscondessa de S. João da Pesqueira



e em arroz. Além d'isso o dominio da Coréa representa para o Japão a posse de uma posição estratégica de primeira ordem para dominar a Mandchuria e a China, sobretudo depois que semelhante posição se pôde apoiar em Porto-Arthur e na península de Liau-Tung.

Compreende-se, pois, que em presença de tão altos interesses o Japão tenha passado com toda a semcerimonia por cima da clausula do tratado, que garantia a independencia da Coréa. Para alguma cousa lhe ha de ter servido o ser hoje contado entre as grandes potencias mundiaes!

Demais, contando com a alliança ingleza e com o abatimento da Russia, que nada pôde fazer agora no Extremo Oriente, o Japão está seguro de poder ultimar a annexação definitiva da Italia, sem outras difficuldades além das relativamente insignificantes que lhe pôde levantar a população indigena. Para essa basta, porém, a occupação militar que se está realisando. E assim terá desaparecido, quasi que sem se dar por isso, uma nação da carta dos estados de mundo!

Uma nova entrevista politica acaba de se realizar. D'esta vez foi em Dêsio, e figuraram como protagonistas o barão de Aerenthal, ministro dos negocios estrangeiros da Austria-Hungria, e o sr. Tittoni, ministro dos negscios estrangeiros da Italia. Ainda não ha muito que este mesmo ministro tinha tido outra entrevista em Rapallo com o chancellér allemão. São, como se vê, os representantes da triplice alliança a mostrarem á Europa que pelo menos formalmente ainda está de pé o pacto internacional, que os une. Mas ninguem se illuda sobre o resultado d'estas repetidas conferencias.

Por mais que se esforcem em demonstrar o contrario, a triplice alliança está morta e bem morta. Os accordos franco-italiano e italo-inglez tiraram-lhe toda a significação e todo o alcance. A Italia encarregou-se mesmo de lhe dar o golpe de misericordia em Algeciras.

Esta é que é a verdade das cousas contra a qual não podem prevalecer nenhuma subtilezas diplomaticas. Mas não só a triplice-alliança no seu conjuncto se pôde considerar caduca de facto, como muito especialmente deve considerar-se desfeita no que respeita ao accordo entre a Italia e a Austria. Não ha meio de harmonisar os interesses d'estas duas potencias, por mais que os respectivos ministros se cancem para encontrar uma fórmula que resolva a irreductivel opposição. Deixando de parte mesmo os velhos odios e a constante tradicção de inimizade entre os dois paizes, é fóra de duvida que são incompativeis as aspirações austriacas e as italianas na península dos Balkans. A Albania, sobretudo, é pómo de discordia, que mantem vivo o dessidio entre as duas nações.

N'estes termos que resultados apreciaveis pôde ter tido a entrevista de Dêsio? nenhuns. Boas palavras, troca de pacificos propositos, cortezes amabilidades de parte a parte, e nada mais. Mas a situação irreductivel permanece e esta não pôde ser modificada por salama-leks diplomaticos.

CONSIGLIERI PEDROSO.

## Notas de "sport,,

### O passeio official das embarcações de remos promovido pelo Real Club Naval

Foi uma festa magnifica a que o Real Club Naval levou a effeito no dia 21 do mez passado, demonstrando-se mais uma vez quanto o sport nautico tem progredido ultimamente entre nós.

A flotilha que era composta de treze embarcações de remos



NOTAS DE "SPORT,, — O passeio de remos do Real Club Naval

Um dos barcos do club promotor

(Cliché de A. C. Lima).

pertencendo dez ao club organisador do passeio, duas á Real Associação Naval e uma ao Club Naval Madeirense, largou do Caes da Viscondessa, com rumo a Algés, pouco depois do meio dia.

A's duas horas todos os barcos tinham chegado ao seu destino, dirigindo-se depois os seus tripulantes para o magnifico yacht a vapor *Skippack*, do sr. Duarte Alexandre Holbeche, onde foi servido



NOTAS DE "SPORT,, — O passeio de remos do Real Club Naval  
Os barcos da Real Associação Naval e do Club Naval Madeirense

um magnifico lunch que decorreu animadissimo, trocando se varios brindes.

Findo elle todos tomaram de novo os seus logares nas guigas regressando a Lisboa, acompanhados, como na ida, pelo *Skippack* e pelo escaler a gasolina do sr. Marianno Cardoso, chegando ao ponto de partida pouco depois das seis da tarde.

Quando um amante sociado principia a esgaravatar solecismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os effeitos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## As Arcas de Montemór

(LENDA)

Entre escombros na rudeza  
Da vetusta fortaleza,  
Batidas do vento agreste,  
Empedernidas, cerradas,  
Ha duas arcas peçadas  
Uma d'oiro, outra de peste.

Ninguem sabe ao certo qual  
Das duas arcas encerra  
O fecundo manancial,  
Que fartará d'oiro a terra  
Mesquinha de Portugal,  
Ou qual, se mão imprudente  
Lhe erguer a tampa funerea  
Vomitará de repente  
A fome, a febre, a miseria,  
Que matarão toda a gente!

E n'estas perplexidades  
E eternas hesitações,  
Tem decorrido as idades,  
Tem passado as gerações;  
Nas guerras devastadoras,  
Nas luctas brutaes e ardentes  
Entre as raças invasoras  
E as povoações resistentes,  
Nunca Romanos, nem Godos,  
Nem arabes, nem Christãos,  
Duros na alma e nos modos,  
Rudes no aspecto e no trato,  
Chegaram ao desaeato  
De lhes toear com as mãos.

Sempre que o povo faminto,  
Maltrapilho e miserando,  
Fosse elle christão ou moiro,  
Entrou no toseco recinto  
Para salvar-se, arrombando  
A arca peçada d'oiro,

Quedou-se, os braços erguidos,  
O olhar attonito e errante,  
Sem attinar de que lado  
Vinha morrer-lhe aos ouvidos  
Uma voz de agonizante,  
Entre ameaças e gemidos:  
«O' povo de Montemór,  
«Se estás mal, se és desgraçado,  
«Suspende, toma cuidado,  
«Que pódes ficar peor!»

E n'estas perplexidades  
E eternas hesitações,  
Hão de passar as idades  
Suceeder-se as gerações,  
E continuar na rudeza  
Da vetusta fortaleza,  
Batidas do vento agreste,  
Empedernidas, cerradas.  
As duas arcas peçadas  
Uma d'oiro, outra de peste.

Conde de Monsanto.



## Jonkheer Van Eys de Lienden



Ministro da Hollanda em Lisboa

† em 20 de julho de 1907

Era o illustre extinto, de cujo funeral deante publicamos alguns instantaneos, um dos diplomatas mais estimados em Lisboa pela grande cultura do seu espirito e pela affabilidade do seu trato. Grande era a consideração de que gosava, não só entre as pessoas da mais elevada posição social que com elle privavam, mas tambem entre os desprotegidos da sorte que encontraram sempre no sr. Jonkheer Van Eys de Lienden um desvelado protector.

Começou a sua carreira diplomatica em 1880, desempenhando diversos cargos de confiança nas legações da Hollanda em Paris, Roma, Berlim e S. Petersburgo, sendo depois acreditado como ministro residente em Bucarest e mais tarde nomeado encarregado de negocios em Constantinopla d'onde veiu para Lisboa, entregando as suas credencias em 1 de junho de 1904.

O illustre extinto foi tambem secretario geral da ultima conferencia da paz, era cavalleiro da Ordem Real do Leão Neerlandez, insignia que na Hollanda só é concedida aos vultos do maior relevo politico e moral e possuia condecorações de quasi todos os paizes da Europa.

A madame Van Eys e a toda a familia do illustre diplomata os nossos mais sentidos pesames.

## Sonhos estellares

Tive um sonho que não era um sonho.

Achava-me observador do mundo, ha cerca de cem milhões de annos, habitando um planeta situado no cortejo de uma das estrellas longinquas do espaço, no meio de um universo sideral analogo ao que existe actualmente, comquanto não fosse o mesmo, porque o universo de então está hoje destruido, e o universo de hoje ainda não existia.

Havia, como na nossa epocha, constellações e estrellas, mas não eram as mesmas constellações nem as mesmas estrellas.

Havia soes, luas, terras habitadas, dias, noites, estações, annos, seculos, entes, impressões, pensamentos e factos, mas não eram os mesmos.

A terra onde vivemos, ainda não estava formada. Os materiaes que a compõem fluctuavam no espaço em estado de nebulosa difusa, gravitando, á roda do fóco solar que se condensava gradualmente. Ainda não havia nem agua, nem ar, nem terra, nem pedras, nem vegetaes, nem animaes, nem mesmo nenhum corpo determinado simples pela chimica, oxigenio, hydrogenio, azote, carbone, ferro, chumbo, etc. O gaz que devia pelas suas condensações e transformações ultteriores dar nascença ás diversas substancias, gazos seus habitantes, era um gaz simples, homogeneo, contendo no seu seio, chrysalida inconsciente, as possibilidades do porvir. Mas nenhum propheta podia ter previsto o ignoto que dormitava no seu mysterio.

O nosso planeta offerencia então o aspecto d'essas vagas nebulosas de gaz que o telescópio descobre no fundo dos ceus e que o spectroscopio analysa. No meio das estrellas fluctuava a nebulosa solar em via de condensação.

A humanidade com toda a sua historia, cada um de nós com todas as suas energias, todos os entes terrestres, existiam em germen n'esta nebulosa e nas suas forças; mas os entes e as coisas que nós conhecemos não deviam chegar á existencia senão depois da longa incubação dos seculos. No logar do que havia de vir a ser a Terra, não havia nada, senão um gaz fluctuando na immensidade constellada. Ainda assim, não era no "logar exacto", onde estamos actualmente, porque a Terra, os planetas e todo o systema solar vem de longe e andam depressa.

Na historia da criação, cem milhões d'annos passam como um dia: apagam-se e desvanecem-se, sonho fugitivo, no seio da eternidade que tudo absorve.

Então, apesar do nosso planeta não existir, havia como hoje, estrellas, soes, systemas solares e mundos habitados. As humanidades que povoavam esses mundos viviam a sua vida, como nós vivemos a nossa.

Era um espectáculo commovente para o pensador o contemplar o grande trabalho de todos esses entes. Na indiferença ou na paixão, no prazer ou na dôr, no riso ou nas lagrimas, viviam, agitando-se, repousando-se; combatendo, perdoando; accusando, esquecendo, amando, odiando; arrebatados no turbilhão fatal; nascendo, morrendo; succedendo-se cegamente atravez das gerações e dos seculos; ignorando a causa que os fez nascer; ignorando a sorte futura das mónadas e das almas; brinquedos da Natureza que insuffia mundos e entes, estrellas e atomos, seculos e minutos, como essas bolas de sabão que a creança faz fluctuar no ar e, precipitando-se todos para a morte, como esses turbilhões de areia que o vento do deserto levanta e leva comsigo nos furacões ou nas brisas. Era o espectáculo que a Terra nos offerce hoje: multidões vivas combatendo pela vida e não alcançando senão a morte.

O facto que nos deve impressionar mais, n'esta contemplação retrospectiva, é que n'esse tempo a **Terra não existia**. Nenhum dos entes humanos que vivem actualmente, que hão de viver no futuro, ou que viveram no passado, estava prestes a nascer. Nada, nada do que existe, em torno de nós, existia então. E apesar d'isso, n'esses mundos antigos, que desappareceram ha tanto tempo, as humanidades que os animavam tinham a sua historia actual e presente, cidades florescentes, campos cultivados, organizações sociaes, guerras e batalhas, leis e tribunaes, sciencias e artes, e os juizes do espirito, historiadores, economistas, politicos, theologos, litteratos, esforçavam-se por discernir o verdadeiro do falso e escrever conscienciosamente o que chamavam, elles tambem, a historia universal. Para elles todos, a criação parara no tempo e no logar em que



O funeral do sr. ministro da Hollanda

O sr. conselheiro João Franco e os membros do ministerio pegando ás borlas na occasião de ser conduzida a urna para o carro funebre (Clicho de A. C. Lima).

viviam; a sua obra estava concluida; o resto do universo sem fim, o resto da eternidade sem limites, perdia-se na insignificancia, eclipsada pela actualidade. Não pensavam que antes d'elles uma eternidade havia já decorrido, e que depois d'elles uma eternidade havia ainda de decorrer.

Viviam, sabios ou ignorantes, illustres ou obscuros, ricos ou pobres, opulentos ou miseraveis, religiosos ou scepticos, viviam como se a sua era não devesse jámais acabar. Estes accumulavam, sem affrouxarem um só minuto, uma fortuna que seus filhos se apres-



sariam a dissipar; aquelles sonhavam e contemplavam sem cuidar no dia de amanhã; aqui os batalhões excitavam o povo com alarido patriótico; mais longe pares amorosos casavam no mysterio as suas almas frementes. Apressados por negocios que julgavam de imperiosa importancia, envolvidos nos atractivos do prazer, ou arrebatados pelas azas da ambição, os entes d'outr'ora, como os de hoje, precipitavam-se no turbilhão da vida. Esses povos tiveram como nós dias de gloria e dias de angustia, tiveram os seus 89 e



O funeral do sr. ministro da Hollanda  
A collocação da urna no carro funebre

93, tiveram Austerlitz e Waterloos, e os dramas da politica produziram tambem lá os seus 18 de brumario e os seus 2 de dezembro. Assim brilhava, outr'ora, sobre a nossa propria Terra, a vida das Babilonias, das Thebas, das Nemphis, das Ninives, das Carthagos, a gloria das Semiramis, dos Sesostris, dos Salomões, dos Alexandres, dos Cambyses, dos Cesares e hoje em dia reina o silencio das funebres solidões sobre as ruinas dos palacios e dos templos, no somno da noite que invade o espaço. Atravez da historia do universo immenso, — não foram só os povos, os reinos, os imperios que desapareceram, foram mundos inteiros, grupos de mundos, archipelagos de planetas, universos!

Porque a eternidade não começou *nunca*. As forças da natureza não ficaram nunca inactivas. Para a natureza, as nossas medidas do tempo, as nossas percepções de duração não existem; não ha para ella nem passado nem futuro, mas um presente perpetuo. Ella fica immovel atravez das suas manifestações e transformações incessantes. Somos nós que passamos; ella fica.

Não posso pensar sem terror na innumeravel quantidade de entes que viveram nos mundos hoje desaparecidos, em todos os espiritos superiores que pensaram, que trabalharam, que guiaram a humanidade na via do progresso, da luz e da liberdade; não posso pensar n'esses Platões, n'esses Marco-Aurelios, n'esses Pascal, n'esses Newton dos mundos que se esvairam, sem perguntar o que foi feito d'elles. E' muito facil responder que d'elles nada resta, que morreram como nasceram, que tudo é pó e ao pó regressa; a resposta é facil, mas pouco satisfactoria.

Não tenho, por certo, a ingenua pretensão de resolver o grande mysterio. Parece-me que para tratar estes insondaveis problemas de eternidade e de infinito, estamos mais ou menos na situação de formigas que tentassem instruir-se entre si ácerca da historia da França. Apesar de todas as suas aptidões intellectuaes, aliás tão legitimamente reconhecidas, apesar de toda e sua boa vontade, de todos os seus esforços e de todas as suas investigações, é provavel que não fossem muito além da historia do seu formigueiro, e que não se elevassem á concepção de ideias algum tanto sensatas sobre os humanos e os seus negocios. Para ellas evidentemente os verdadeiros proprietarios dos bosques e dos parques são as formigas, os pulgões domesticados por ellas; e os parasitas da Terra são os insectos não comestiveis que as incommodam. Saberão ellas que existem passaros? E' duvidoso.

Quanto aos homens, é bem provavel que ignorem a sua existencia (a menos que as dos paizes civilizados tenham na sua linguagem antennal uma expressão que corresponda á ideia de fabricante d'assucar, de pasteleiro, de cosinheiro, de confeiteiro, ou de qualquer inimigo implacavel, tal como um jardineiro). Mas ainda mes-

mo que desconfiassem da nossa existencia, não poderiam evidentemente adquirir sobre a raça humana e a sua historia senão... ideias de formigas.

Seria tão inutil quanto infantil, o perdermo-nos nas nebulosidades da metaphysica para attingir uma solução que nos ha de, provavelmente, escapar sempre; mas nem por isso deixa de ser um objecto de contemplação digno dos nossos pensamentos, o meditar sobre esse aspecto particular da criação: *O Tempo*; o pensar que desde toda a eternidade houve humanidades gozando as alegrias da vida, e que desde toda a eternidade a hora do fim do mundo soou no quadrante secular dos destinos, enterrando alternativamente os universos e os entes na mortalha da anniquilação e do esquecimento. Pois é-nos impossivel conceber um principio que não fosse precedido de uma eternidade de inacção, e tão longe quanto as sciencias da observação nos podem conduzir, mostram-nos por toda a parte forças em perpetua actividade.

Se o espaço infinito nos deslumbra pela sua immensidade sem limites, a eternidade sem principio e sem fim, ergue-se, talvez mais formidavel ainda, deante da nossa contemplação aterrada. As vozes do passado falam nos do fundo do abysmo, falam-nos do porvir.

O passado dos mundos desaparecidos é o futuro da Terra.

D'aqui a cem milhões d'annos, a Terra em que estamos já não existirá, ou se ainda restar d'ella alguma ruina, não ha de ser senão um deserto funebre; os diversos mundos do nosso systema solar terão concluido o seu cyclo vital, as historias das humanidades variadas que se terão succedido n'ella estarão ha muito tempo apagadas, o nosso Sol, elle proprio, terá sem duvida perdido a sua luz e girará, astro negro, na immensidade nocturna. Talvez que, atirado pelas leis do destino para o cadinho da perpetua metamorphose, reunido n'um choque supremo a qualquer velho sol defuncto lançado como elle atravez do vacuo eterno, resuscite, phenix radiante, das suas cinzas reaccesas pela transformação do movimento em calor.

Mas então, como hoje, as nebulosas terão produzido soes, então como hoje o espaço immenso será povoado de astros sem numero gravitando na harmonia das suas attracções reciprocas, outras terras hão de balançar-se na luz dos seus soes, manhas e tardes succeder-se; ceus azues desabrochar; nuvens fluctuar no encanto dos crepusculos; atmosferas perfumadas soprar sobre os bosques e os vales; mysteriosos silencias suspender o canto do passaro que chilra, — e o eterno amor arrebatara as novas adolescencias no divino vôo das aspirações insaciaveis. Maravilhosa ascensão da vida, a natureza cantará como hoje o hymno da mo-



O funeral do sr. ministro da Hollanda

Os escudeiros conduzindo as condecorações, o chapéu e o espaldim do fallecido  
(Cliché de A. C. Lima).

cidade e da felicidade e a impercível primavera florescerá sempre n'este universo immenso oode o historiador do passado não vê senão tumulos!

Se não ha limites no espaço, se, seja qual fôr o ponto para que vôo o nosso pensamento elle póde voar sempre sem que nada já-mais o faça parar, qualquer que seja a rapidez e a duração do seu vôo infatigavel, se, n'uma palavra, o espaço é infinito em todos os sentidos, outro tanto acontece com a eternidade; nada, tão pouco,



poderia marcar-lhe termo, e qualquer que seja o limite que nós imaginemos á duração, qualquer que seja a hora, o minuto em que pretendamos findal-a, o nosso pensamento salta logo além d'esta barreira fictícia e continua o seu caminho. O espaço finito está actualmente povoado de mundos nascentes, de mundos chegados á idade viril, de mundos em decadência, de mundos mortos, disseminados por todas as regiões da immensidade sem limites, nebulosas gazosas, soes de hydrogenio, astros oxydados, planetas em

cahir as suas mortalhas e pondo-se a caminhar nas veredas em flor da vida, todo esse passado secular e prodigioso tornou-se presente, e os milhões de soes apagados de era em era reacenderam-se e resplandeceram. O ceu mostrou-se illuminado por innumeraveis astros que os nossos olhos mortaes nunca viram, e a luz da vida iradiou sobre as plagas celestes que se succediam até ao infinito.

De repente, um immenso veu negro cahiu do alto dos ceus deante d'estas claridades e o meu pensamento cessou de vêr. Deante d'este veu, o planeta em que vivemos corria com a sua velocidade de cem mil kilometros por hora. Tornei a achar-me no estado commum aos habitantes da Terra, que vivem sem ver nada além do horizonte, e que imagiaam que, no tempo como no espaço, não existe senão a nossa mediocre humanidade.

CAMILLO FLAMMARION.

## A lagrima

A Guilherme Armas

Riso que nasce d'uma crença pura  
E a Dôr transforma em gota de tormento,  
A lagrima é a essencia da amargura,  
E' o sangue espirital do Pensamento.

E' o coração que em vascas a depura,  
Filtrando-a crystallisa-a o sentimento,  
O sonho que a gerou dá-lhe a candura,  
Insufla-lhe a alma o fel n'um beijo lento!

Cada raio de Esp'rança virginal  
Que se desprende da arvore do Ideal  
E' uma gota que o seu vacuo gera...

Filtra-lhe um raio de luz: — que transparencia!...  
Bebe depois: — que fel o da existencia!...  
— Vê lá que sangue custa uma chymera!...

Junho 10 907.

Manoel Rosa.

## Uma tradição arabe

Antes de descer á terra apresentando-se aos homens, Mahomet, o propheta do islamismo, andava no Paraiso em redor do throno de Deus. Um dia Deus voltou-se de repente e olhou-o tão fixamente que o propheta, sentindo-se confuso, cõrou tanto que o rosto se lhe inundou de suor.

Tendo limpo esse suor com os dedos, deixou cahir seis gotas fóra do Paraiso. D'essas seis gotas, cinco não se sabe onde foram cahir, mas a sexta, cahindo na terra, fez logo nascer a rosa e o arroz.



O funeral do sr. ministro da Hollanda  
Aguardando a chegada ao cemiterio

(Clichs de A. C. Lima).



O funeral do sr. ministro da Hollanda

Os srs. Versen, addido militar da Alemanha, Barão de Lucins  
1.º secretario, e Barre 2.º secretario da legação allemã

via de formação, satellites esfriados, cometas desagregados... as forças da natureza mostram-se por toda a parte em actividade, a energia da criação é constante, não podendo ser nem augmentada, nem diminuida; e todas as sciencias estarão de accordo para provar que o que nós chamamos destruição, aniquilamento, não é senão transformação. A astronomia revela-nos o TEMPO como nos revela o ESPAÇO; mostra-nos que a nossa época actual nada tem de particular na historia da natureza. que outro tanto succede ao nosso logar actual, e convida-nos a reconhecer a direcção assim como o espaço, essas duas formas da realidade, contemplando na mesma synthese os grandes aspectos do desenvolvimento do Universo.

Não, este sonho não era um sonho.

Para as humanidades que vivem nos diferentes mundos do espaço, durante as eras anteriores á formação do nosso systema solar, a Terra com toda a sua historia não era senão uma probabilidade das fecundações futuras. Podia não ter jámais existido. Historiographos dos povos terrestres, Moisés, Heródoto, Manéthon, Ma-Tuan-Lin, Tito-Livio, Tacito, Gregorio de Tours, Bossuet, vós todos que imaginastes escrever "historias universaes", o astrónomo sorri das vossas chronologias, como sorri das genealogias dos reis e das conquistas dos Cesares,

Com'ates de formigas sobre minuscuros espaços,

ingenuas illusões de creanças que acariciam as suas bonecas! Inventem-se novos microscopios para podermos distinguir Carlos Magno e Napoleão no formigueiro de Lilliput. Já não os podemos achar! E a Terra inteira onde está? Pela abstracção do pensamento, acabamos de viver antes e depois d'ella. A sua historia inteira apaga-se como um raio que passa na tranquilla duração de um longo dia de estio.

Como eu contemplasse esses panoramas do tempo e do espaço, e os seculos d'outr'ora desilhassem lentamente deante de mim, com os seus longos cortejos de glorias desaparecidas, e as humanidades que povoavam os mundos resuscitassem nas profundidades do espaço, deixando



## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXI

*A mais palpitante novidade: o fim do mundo! — A Allemanha, d'esta vez, não está com meias medidas: acaba de vez com esta bola de enganos. — Pede-se serenidade ás almas candidas que acreditam em balletes. — A lei de cobrança de pequenas dividas. — O Tribunal do Commercio e o Supremo Tribunal. — Turra de juizes. — A crise dos caloteiros e o pavor dos prestamistas. — Uma scena lancinante. — Oh verão que fostes verão, oh verão que já não és! — O que dizem os sabios. — Lisboa regorgita. — As diversões. — Esperemos o fim do mundo no «Paraiso de Lisboa.»*

**N**ovidade palpitante, fresquinha, não direi em primeira mão mas em segunda, é esta: vai acabar o mundo. Hein? Que lhes parece? Nem de encomenda se arranjará melhor. Pois é como lhes digo: Vai acabar o mundo. Assim o communico aos interessados um sabio allemão por intermedio do bisbilhoteiro telegrapho, lançando o terror nos arraiaes humanos, como dizia um grande orador do meu conhecimento.

Por mim declaro, que ando tão farto de tudo isto, que me é absolutamente indifferente que Deus Nosso Senhor acabe com o mundo com a mesma facilidade com que o sr. governador civil de Lisboa suspendeu o outro *Mundo*, que ha 29 dias ainda era d'este, e que a estas horas já deve ter voltado a fazer os olhos verdes ao sr. João Franco. Mas para tranquillidade das almas que pretendam prorrogação de prazo para irem gosando as delicias d'este valle de lagrimas, devo dizer-lhes que este annuncio do fim do mundo, dada a sua procedencia, me parece apenas mais uma farronea da Allemanha que coisa de gravidade. Pois não é outra coisa, não. Descansem.

Esta mania de acabar com tudo, de arrastar tudo, de matar tudo, assumiu caracter vesânico nas cabeças tentonicas. De vez em quando, está a gente a tomar chá com a familia, chega o jornal, a nossa mulher ou a nossa mana abre o e logo grita assarapantada:

— Jesus!

— Que é, menina?

— E' a Allemanha a mobilisar uma esquadra.

— Deixa lá...

— Não, mas o imperador parece que disse aos soldados: «Ide, que eu cá estou!»

— Não faças caso!

— Ai, não! Que o jornal não diz que o chanceller... um que tem um nome muito exquisito, estava nas aguas... umas aguas que tambem tem um nome muito estapafúrdio, e veiu a toda a pressa a Berlim, sendo muito procurado por jornalistas e guardando a maior reserva!

— Então fica descaçada. Não ha novidade.

E não ha. Desde que me conheço, não passa semana que a Allemanha não faça uma ameaça sem consequencias. Deu-lhe para alli, e, vamos, podia ter-lhe dado para coisa peor.

Agora é um sabio declarando que vai acabar o mundo. Este não faz a coisa por menos. Acaba tudo. Liquidação geral. Oxalá que o dia da tremenda catastrophe seja uma quinta feira para coincidir com a liquidação de retalhos do Grandella. Conviria tambem que fosse amanhã, 2, por causa do encerramento de contas mensaes e dos *vistos* do respectivo Tribunal. Iriamos prestar contas a Deus, mas quites com a Fa-

zenda Nacional. E os que tivessem poucos ou insignificantes peccados a accusar, safar-se-iam á sanha da lei de cobrança de pequenas dividas.

A qual lei de cobrança de pequenas dividas está dando agua pela barba a muita gente boa, exceptuando, é claro, os que fazem as pequenas dividas, que continuam no exercicio das suas funções, ao abrigo de uma turra entre dois tribunales e o governo.

Foi o caso ter o dr. Abel de Mattos Abreu, juiz do Tribunal do Commercio, declarado em sentenças proferidas em causas de pequenas dividas, a inconstitucionalidade da lei, dado o seu vicio de origem ditatorial. E, como não respeitasse o decreto tambem ditatorial que mandou pôr em vigor a lei entaladora dos pequenos devedores, foi an-



O funeral do sr. ministro da Hollanda

O sr. general Craveiro Lopes e o seu estado maior aguardando a chegada do cortejo

nulando os processos e condemnando os auctores nas custas e sellos respectivos, mandando em paz os reus que, caloteiros remissos, ficaram devendo a s. ex.<sup>a</sup> os seus agradecimentos, por não poderem ficar a dever-lhe coisa de mór valia.

Logo o governo incumbiu o Supremo Tribunal de Justiça de dizer, em sua consciencia e sabedoria, se o decreto ditatorial era valido ou não, isto é, se o poder judicial independente tinha ou não de curvar-se ante a imposição do executivo, usurpador das prerogativas do legislativo. Reunido o Supremo, os venerandos juizes que, salvo o devido respeito, se estão parecendo um pouco com os medicos do coro de *El-Rey que rabió*, decidiram que o governo estava damnado e que era preciso matar os cães, isto é, acatar a lei de cobrança de pequenas dividas, especifico seguro contra o calote minimo.

O juiz do Tribunal do Commercio não quer saber de desgraças e continua anulando processos. O Supremo Tribunal não quer saber de annullações e concede revista aos processos. E o governo não quer saber de cantigas e continua a caminhar para a frente.

Não, o outro alguma razão tem... O mundo não acabará; mas tudo leva a crer que vai cair algum céu velho.

O diacho é que podem morrer os pardaes!

Quem levará a melhor: o juiz do Tribunal do Commercio ou os juizes do Supremo Tribunal? Não lá adivinhar! Entretanto, a classe dos pequenos caloteiros atravessa uma crise medonhenta, dada a reluctancia dos prestamistas a largarem o seu rico dinheiro, em vista do dize-tu-direi-eu em que a Justiça anda.

De uma scena lancinante sei eu que bem demonstra a entalção em que se vêem os primeiros e os fundados pavores dos segundos. Foi o caso que um pequeno caloteiro procurou ha dias pessoa dinheira, á qual pediu cinco mil réis emprestados.

— Cinco mil réis? Você está doido! Então julga que eu sou tolo? Que caio d'ahi abaixo? Cinco mil réis!... Não quer mais nada, hein? .. Logo cinco mil réis!... Sim, senhor! .. Pois se quer cem mil réis, estão á sua disposição; mas cinco... nem falar n'isso é bom!

— Oh homem, mas eu só preciso cinco!

— Não quero saber de historias! Leve os cem e contente-se.

— Mas porque não me empresta você os cinco mil réis?  
— Porque?! Ainda o pergunta?! Porque se você não m'os quizesse pagar, eu teria de ir choral-os para a cama, que é logar quente. Ao passo que, se você me dever cem



O funeral do sr. ministro da Hollanda

A chegada ao cemiterio. — O carro funebre e a carruagem conduzindo a viuva madame Van Eys e suas filhas  
(Clichés de A. C. Lima).



mil réis, paga-os com lingua de palmo, porque a respeito de dividas grandes os tribunaes pensam por uma só cabeça. Veja o Mattos Abreu: annula todos os processos de pequenas dividas e ainda condemna os auctores nas custas e sellos.

- Mas o Supremo já concedeu revisão aos processos.
- Deixal o.
- Bem, empreste-me os cem mil réis.
- Prompto. Isso, sim, senhor, é outro cantar. Aqui os tem.
- Agora tome lá noventa e cinco e só lhe fico a dever cinco.



O funeral do sr. ministro da Hollanda  
Madame Van Eys sahindo da carruagem

- Nada, nada! Não lhe recebo dinheiro nenhum. Você fica a dever tudo ou não temos nada feito.
- Bem, seja... Uma vez que não ha outro remedio...
- Pois, isto é para quem quer! Não, meu amigo, que o seguro morreu de velho!

O verão d'este anno é uma excepção á regra, uma d'aquellas raras excepções que a prudencia aconselha quando se trata de apreciar coisas, pessoas ou qualidades em absoluto, como dizia o Bento José d'Oliveira. Verão lhe chamamos nós, porque a folhinha assim o exige; mas primavera ou continuação de primavera é que elle tem sido até ás dozes horas da placida tarde de julho em que escrevo, com a janella fechada e enroupado com todas as peças de vestuario que a pragmatica preceitua, caso de que não tenho memoria apesar de já por cá andar ha perto de quarenta annos.

Varios sabios andam muito preocupados com este caso extranho que lhe arrebita as orelhas, attribuindo tão insolito estado de coisas ao arrefecimento do planeta. Cá temos tambem estes prevendo cataclysmo. Outros, como o Saragoçano, que deve ser pessoa muito entendida porque quizenalmente perpetra uns boletins que ninguem percebe, dizem que o facto não tem importancia, que isto tudo vem a entrar nos eixos no proximo mez, que será quente por dois, estabelecendo-se assim o equilibrio, fazendo-nos agosto transpirar em seu nome, no de julho e ainda no da ultima quinzena de junho.

Elles que digam o que quizerem. N'estas arrelidoras emergencias é que o Borda d'Agua corta preocupações pela raiz bradando: *Deus super omnia!* Pois está claro. Nós cá estamos. O que fór, ha de soar. E a gente tambem ha de suar conforme á Divina Providencia aprover.

O alfacinha é que vae aproveitando a doçura do tempo, deixando-se ficar em penates e não pensando em transferir-se, mais á familia e aos trastes, para estancias campestres ou balneares. Lisboa está a deitar por fóra, atulhada de gente. Parece que estamos em pleno inverno. E a prova está na concorrencia que tem os espectaculos, este verão numerosos como nunca foram. Cinco theatros funcionam com peças ou outras diversões, funcionam casinos e animatographos a cada esquina, a feira de Alcantara tem boa concorrencia e o Paraiso de Lisboa tem, só elle, mais concorrencia que todos os outros recintos reunidos. E este bem a merece, porque proporciona espectaculos deliciosos, horas agradabilissimas e por um preço tambem delicioso, tambem agradabilissimo. Bem haja quem teve a ideia de dotar Lisboa com tal melhoramento. Bem merece dos seus concidadãos quem levou a cabo o generoso pensamento de abrir um oasis de prazer no meio da pasnaceira geral, que é como dizer, quem abriu um Paraiso no centro do Purgatorio.

Ora ahi tem os senhores sitio magnifico para esperarem o fim do mundo!

CAMARA LIMA.

## PROVERBIOS RUSSOS

O tzar não pôde apagar o sol soprando-lhe.

—

Quando o tzar toma uma carruagem de aluguer, cada passo lhe é contado por uma versta.

—

O tzar é primo do bom Deus, mas não é seu irmão.

—

O tzar não habita a cabana do pobre; é por isso mesmo que elle desconhece a miseria.

—

O braço do tzar, por muito comprido que seja, não chega ao céo.

—

Uma lagrima nos olhos do tzar custa muitos lenços ao paiz.

—

O tzar gordo não pesa mais sobre os hombros da morte do que um indigente magro.

—

Se o tzar tiver variola, é o paiz quem ficará com as marcas.

—

Quando o tzar tem desejo de fazer correias, são os camponezes que lhe fornecem o coiro.

—

Se o tzar nos fizer presente d'um ovo, reclamará uma gallinha.

—

A propria gallinha da tzarina não será capaz de pôr ovos de cysne.

—

Como se vê o tzar é lembrado em todos estes proverbios, mas mais valia que o não fosse porque as referencias que lhe fazem não são das mais lisongeiras.

Que de maravilhas inventadas pelo homem! A polvora, o pára-raios, a vaccina, o telephone — a um tempo conversação e musica através do espaço. Pela machina de vapôr, o homem supprimo as distancias. Com a electricidade deu azas ao pensamento e á palavra. Rasgando istmos, confundio n'um mesmo leito as aguas de dois mares, como um chimico qualquer mistura dois reagentes n'um vaso. Mas o que o homem não pôde inventar foi o amor. Esse brotou dos labios da primeira mulher bonita, que n'este valle de lagrimas deslumbrou o homem com a luz d'um sorriso — *col lume d'un sorriso*, — na phrase do divino Dante.

Creio, piamente, com a Biblia, que Nosso Senhor creou o Universo ao sópro da sua palavra. Mas creio tambem que foi o sorriso da loira Eva, no Eden, quem illuminou o mundo acabado de crear por Deus, com os esplendores d'uma aurora, dando-lhe a alegria e o frescôr d'um perenne madrigal rescendente de rosas e açucenas orvalhadas.

Deus disse: *«Faça-se a luz»*; e a luz foi feita... do sorriso d'uma mulher moça e bella.

VISCONDE DE BENALCANPÔR.



O funeral do sr. ministro da Hollanda

Madame Van Eys e suas filhas  
retirando da capella onde o cadaver ficou depositado

(Clichs de A. C. Lima).



## Carta de longe

Por tão longe, em busca de boa sorte, eu não tenho encontrado senão desilusões e tristezas. E tu, Luizinha, porque me não dás novas tuas? Esquecer-me-hias tu? Seja como fôr, eu escrevo-te: escrever te é para o meu coração, n'estas plagas ardentes, um copo d'agua fresca que bebo, e uma alegria infantil (cada vez mais nostálgica) gorgeia-me na alma como um canto de ave mysteriosa, por uma noite de luar dulcíssimo...

Oh! Luizinha, porque me não dás novas tuas?

Escuta. Eu n'este exílio vivo a recordar. Tudo me lembra, todo o passado avulta claro e magico como a natureza se prateia e refulge, quando a lua cheia apparece por traz de um grande monte.

Quem não teve uma infancia feliz, que triste coisa! Um passado poetico vale bem um passado de gloria... N'esta gleba de fogo eu

sombras arrastavam-se; só os espigões da serra refulgiam, batidos pelo derradeiro sol, como picos de velhas lanças.

A noite descia depressa, com as suas longas azas tristes. Deitavamos a correr, era tarde... Luizinha, Luizinha, como tudo me lembra, e tanto tempo rolou sobre mim as suas ondas de tedio e de infortunio. Os teus olhos ainda brilham na minha alma, a tua voz ainda gorgeia no meu coração. E' a mais linda canção, que tenho ouvido...

Mas deixa-me recordar... Fomos correndo. Já o moinho estava perto. Já se ouvia nas rodas o sussurro das aguas, semelhante ao dos ventos na invernia. E n'um instante, d'entre as arvores que gemiam mais tristes, a azenha appareceu esburacada.

— Boa tarde, tio Pedro.

— Esperae, canalha. Eu vou buscar os taleigos. Vocês vieram tão tarde!

Ah! o bom tio Pedro, esguiu e chimerico como o D. Quichote, com os seus grandes bigodes grisalhos e marciaes! Que será feito d'esse moleiro, que poderia figurar n'uma novella de cavallaria antiga?

Dentro o ruido crescia, como se aquella casa esburacada e velha

## Assumptos religiosos



Nossa Senhora

Quadro de Salvi, existente no museu de Dresden

posso lutar com bandidos ou com feras, posso atravessar as miserias mas negras, soffrer as dores mais cruas; posso ter fome Luizinha! Mas ao morrer, a minha infancia enche-me o céu de estrelas, acena-me ao longe como se fosse o teu lenço ainda com lagrimas, e eu terei esta grande saudade e esta longa tristeza, — que é afinal toda a alegria dos desgraçados.

Occorre-me agora aquella ultima tarde em que brincavamos no terreiro, e tua mãe chamou... Tinhas de ir ao moinho buscar a fornada. Eram dois taleigos de farinha: eu traria o maior, p'ra te ajudar. E lá fomos — que alegria a nossa! — a caminho do rio, que ia correndo ao longe azul entre os treixos. Cortamos pelas bouças, falando: eu corria, sumia-me nas silvas, e logo tu me seguias á grande rapina das amoras, em cachos negros de tão silvestre e delicioso sabor.

— Olha! olha!

Eras tu, estendendo-me as mãos arranhadas dos picos, com um pequenino rubim de sangue a correr... Então, com ar forte, eu mostrava-te o meu pulso ferido; com o lenço seccava o teu rubim de sangue, e dava-te mais amoras, luzidias e pretas como os olhos dos grillos que eu trazia na minha carapuça escarlata.

De novo corriamos, com os beijos roxos do banquete silvestre. Já a luz morria no ultimo sorriso do crepusculo. Na montanha as

fosse cahir, todas as tabuas estalasses, todas as pedras se esborrassem — enquanto as mós rodavam, esmagando o grão doirado e santo, que ia cahindo n'uma poeira de luar...

Aquella hora, em que o mysterio nos alumia o peito e a luz vai morrendo, o rumor do moinho fazia-te medo; tu agarravas-te ao meu braço, Luizinha, e enquanto esperavamos, puzemo-nos a ver a agua que corria já de um azul ferrete, a coaxar nas poldras, espumando na azenha, e logo deslisando tranquilla e lustrosa, parecendo, em alguns recantos das margens mais escuros, pedaços de setim negro sem uma prega. Já se não enxergavam as areias do fundo, nem podiamos — que pena! — atirar seixos aos cardumes que fogem com reflexos de aluminio. Tudo era elegiaco, cheio de tremitos como segredos; tu apertavas-me mais o braço, os teus olhos iam ficando maiores... Os freixos e os amieiros ramalhavam doces como uma caricia, como um brando esmagar de sedas.

Mas o moleiro veio com os taleigos, e abalámos.

— Adeus, tio Pedro.

— Ide depressa, canalha. Olhae lá se vêm as bruxas?

Já o luar subira, alvo e lindo, como nunca mais vi outro, Luizinha. Que saudade que tenho do luar da nossa terra! Não ha outro assim, nunca vi outro igual áquelle que batia nas searas suspirosas, nas eiras onde bailamos ao som das violas, por noites mornas



em que os ralos cantam, e o ar rescende ao mangericão dos namorados... E foi a esse luar que tu, timidamente, me segredaste:

— E se ellas veem, as bruxas?!

E eu não respondi, sempre bravo ao pé da tua doçura — não respondi, Luizinha, porque tive medo. Se ellas vinham, as bruxas!... Para que nos viera o tio Pedro falar d'ellas, n'aquelle sitio ermo, com pinheiraes funereos, quando o luar já ia alto na montanha, enfeitando a natureza inteira, porque a lua, afinal, é tambem uma bruxa que tem philtros para encantos, e a cujo brilho antigo ainda os poetas andam todos encantados.

Não tardou que tu me disseses, logo adeante, onde as arvores eram mais densas:

— Ellas lá estão, olha, olha!...

Tinhas os lindos olhos espantados, estavas tu muito branca, mal sustinhas o pequeno sacco da farinha. E eu olhei, e effectivamente vi as bruxas, vestidas de branco, entre os ramos, esvoaçando e dançando!...

Algumas tinham o rosto encarquilhado, os olhos redondos como contas de vidro, o nariz curvo como um bico de milhafre. Sim, Luizinha, eram ellas, que começavam a ronda, perto de um ribeiro,

E áquellas vozes que se diriam estertorosas, em rouquidos, como se fossem de loucos, que acordavam as bouças e as serras como estalar de guerra e azoravam as aves adormecidas — áquellas vozes nós despertámos, com as cabeças cahidas nos taleigos, sob o fulgir das estrellas, que coavam pelas folhas a luz que te beijava.

Ao verem-nos, foi uma alegria e uma gritaria.

— Que fazeis aqui, canalha? gritou o tio Pedro.

Tua mãe abraçou-se a ti a chorar, tal se te visse voltar da morte mais linda ainda, mais pura ainda! Meu pae ralhou me, mas os seus olhos riam. Nós, aturdidos, apontámos a rama das arvores, onde as bruxas dançavam. E logo o tio Pedro aperrou o bacamarte, com grande apparato, e ranger da fecharia muito pêrra.

— Ladrões? Onde estavam? Onde estavam elles?!

— As bruxas, são as bruxas! — murmurámos nós, com os olhos ainda piscos do somno.

Então o tio Pedro, como quem soffre uma contrariedade, descansou no chão o bacamarte — verdadeira machina de guerra. O senhor prior, aquelle santo que tambem viera, explicou que não havia bruxas, que tudo isso era uma tollice e um peccado.

## DOIS IRMÃOS



Quadro de Christiano Leberecht Vogel, existente no museu de Dresden

onde iam beber á meia noite, quando a lua parece abrir ainda mais branca no céu, orvalhada das lagrimas de todos os que amaram.

Oh minha meiga, minha doce companheira! a graça de ave pequenina e medrosa com que me levaste para entre uns arbustos, onde ambos nos agachámos em silencio e trementes, sentados nos taleigos da fornada. As bruxas continuavam a esvoaçar entre os ramos mais fechados, mais perto do riacho que ia correndo n'um suspiro.

— Virão para cá? perguntaste.

— Acho que não, Luizinha, vão beber ao ribeiro!...

— E quem depois beber, fica encantado?

Eu respondi que sim. Mudava se em lobishomem, e n ave, em flor.

E alli ficámos espreitando, apertando as mãos frias de susto, os olhos fitos nas bruxas que bailavam entre as folhas, com uma alvura de soho a evaporar-se.

Ah! como eu me lembro bem, Luizinha, do alarido que nos acordou noite alta, quando os nossos nos procuravam afflictos, com lanternas e foices roçadeiras, e o tio Pedro chamando, gritando como quem espanta caça, com um bacamarte ao hombro:

— Vocês não ouvem? Eh! canalha! Vocês não falam?! Eh!...

— Mas onde estavam ellas? Sempre queria vê-las.

Nós apontámos:

— Andam acolá, de branco, entre os ramos... Veja, senhor prior, vão beber ao ribeiro!...

— E' o luar, meus filhos, quando os ramos estremecem com o vento... Então vocês não vêem que é o luar!...

Era de feito o luar, que entre o claro das arvores, entre os ramos escuros, dir-se-hia uma tunica de cassa alvejante.

Quem pudera vê-lo agora, igual a rendas nupciaes que te cobrissem o corpo branco e virgem, Luizinha!

Tempos depois parti, com os olhos cheios de agua, n'uma barca de vela, por doridas e longas noites de saudade. Depois veio a calmaria quedar a barca; depois tivemos fome e sede; e aqui vim dar a este clima onde o sol escalda, terra hospitaleira e fecunda, mas onde os teus sorrisos nunca mais me disseram que a maior ventura do homem é ser amado e simples... Oh! Luizinha, e de pouco precisa a gente na terra; e talvez eu nascesse para ser amado, eu que tanto tenho amado e soffrido!

Mas tu não respondes, Luizinha! Os annos que passaram (tão lentos para mim como um cortejo funebre) assim depressa te apagaram da alma a minha lembrança? Ou morrerias tu! Não, não, tu não devias morrer. Mas é tão viva dentro em mim a tua saudade bemdita, enches-me tanto a vida, appareces tanto nos meus sonhos



nostalgicos — sempre linda, sempre doce, e cada vez mais pallida! — que eu ando apprehensivo, que eu tenho uma grande anciedade de vêr-te, e sempre este mar immenso a separar-nos, flor divina, ou quem sabe se ainda outro mar mais largo e mysterioso, do qual nenhum viajante regressa a ver a terra d'onde partiu em silencio... Ah! como tu vens pallida aos meus sonhos!...

JULIO BRANDÃO.

## Na Escola do Exercito

**Cerimonia militar. — Entrega da medalha de ouro a um soldado com 57 annos de serviço**

No dia 21 do mez findo realisou-se na Escola do Exercito uma commovente cerimonia, como são todas as ceremonias militares, muito especialmente quando se trata de galardoar os serviços d'um simples soldado. Cerca das 9 horas e meia da manhã formaram na parada os alumnos da Escola, formando á direita d'estes os veteranos e na esquerda todos os cabos e soldados que ali fazem serviço e que pertencem a diversos regimentos da guarnição de Lisboa.

A frente de todos estava o veterano Antonio da Silva que hoje conta 81 annos de idade e que sentou praça em Outubro de 1850, tendo assistido a varios combates no numero dos quaes se conta o de Torres Vedras.

Em face do velho soldado estavam o sr. ministro da guerra, o sr. general Sebastião Telles, director da Escola do Exercito, bem como todos os officiaes que constituem o corpo docente da mesma.

Dando-lhe ordem de avançar o sr. general Sebastião Telles teve palavras de maior elogio para o veterano Antonio da Silva depois do que, recebendo-a das mãos do sr. ministro da guerra, collocou no



Na escola do Exercito. — Cerimonia militar

O veterano Antonio da Silva

(Cliché de A. C. Lima).

peito do velho militar a medalha de ouro de comportamento exemplar.

Pela frente do veterano desfilarão então os alumnos da Escola do Exercito enquanto elle, perfilando-se, fazia a continencia.

Espectaculos assim são sempre moraes e constituem um nobre exemplo. Embora simples são sempre commoventes porque todos sentem o que se está passando.

Assistindo a uma d'estas ceremonias desaparece do nosso espirito qualquer idéa de injustiça social para só se pensar que vale a pena trabalhar, ser bem comportado, ter enfim deante dos olhos, em todos os actos da vida, a mais rigorosa noção do dever.

Assim devia pensar o veterano Antonio da Silva quando um general se dignou tocar-lhe na farda para lhe collocar no peito a medalha de ouro que representa o premio dos seus bons serviços.

# MEDO

Depois de jantar, subimos para a tolda. Em frente de nós, o Mediterraneo não fazia uma ruga em toda a superficie que a lua cheia cobria de listas prateadas e moveidas. A vasta embarcação deslisava, lançando para o ceu, que parecia semeado de estrellas, uma grande serpente de fumo negro: e, para traz, a agua muito branca, agitada pela passagem rapida do enorme navio, açoutada pelo helice, espumava, parecia torcer-



Na Escola do Exercito. — Cerimonia militar

O veterano Antonio da Silva

fazendo a continencia aos srs. ministro da guerra e general Sebastião Telles

se, revolvía tanta claridade que se assemelhava a luar em borbo-tões.

Eramos seis ou oito e estávamos ali, silenciosos, voltados para a Africa longinqua para onde nos dirigiamos. O commandante, que fumava um charuto, no meio de nós, continuou, de repente, a conversação do jantar.

— Sim, n'esse dia tive medo. O meu navio esteve seis horas com aquelle rochedo no casco, açoutado pelo mar. Felizmente, ao anou-tecer, fomos recolhidos por um carvoeiro inglez que nos avistou.

Então um homem alto, de rosto queimado, aspecto grave, um d'estes homens que devem ter atravessado longos paizes desconhecidos, no meio de perigos incessantes, e cujo olhar tranquillo parece conservar, na sua profundidade, alguma cousa das paisagens estranhas que viu, um d'estes homens a cujo aspecto se adivinha que são dotados de uma coragem de ferro, falou pela primeira vez:

— O commandante diz que teve medo; não acredito. Engana-se com respeito á palavra e á sensação que experimentou. Um homem energico nunca tem medo em face do perigo immediato. Está commovido, agitado, ansioso; mas, o medo é outra cousa.

O commandante replicou, rindo:

— Ora essa! Pois eu affianço-lhe que tive medo.

Então o homem de tez bronzada tornou com voz lenta:

— Perdão, deixe-me explicar! O medo (e os homens mais corajosos podem ter medo), é uma cousa terrivel, uma sensação atroz, como que uma decomposição da alma, um espasmo horrivel do pensamento e do coração, e cuja lembrança é sufficiente para causar calafrios de angustia. Mas isso não acontece quando se é valente, nem perante um ataque, nem perante a morte inevitavel ou qualquer das fórmas conhecidas do perigo: acontece em certas circumstancias anormaes, debaixo de certas influencias mysteriosas, em frente de perigos vagos. O verdadeiro medo é uma especie de reminiscencia de terrores phantasticos de outr'ora. Um homem que acredita em almas do outro mundo e que imagina avistar um espectro, de noite, deve sentir o medo, com todo o seu espantoso horror.

Eu adivinhei o medo, em pleno dia, ha dez annos, pouco mais ou menos. Senti-o o inverno passado, em uma noite de dezembro.

E, contudo, tenho atravessado bastantes perigos, bastantes aventuras que pareciam mortaes. Bati-me umas poucas de vezes.

Uns ladrões deixaram-me, um dia, em tal estado, que me abandonaram por me julgarem morto. Fui condemnado á forca, como rebelde, na America, e atirado ao mar, da ponte de um navio, nas costas da China. De todas essas vezes julguei que estava perdido; mas conformei-me immediatamente, sem commoção e até sem pesar.

O medo, porém, não é isso.

Presenti-o na Africa. Comtudo, elle é filho do Norte; o sol dis-



sipa-o como faria a um nevoeiro. Reparem os senhores bem n'isto. A vida para os Orientaes não vale nada; resignam se immediatamente; as noites são claras e despidas de lendas, as almas livres das inquietações sombrias que povoam os cerebros nos paizes frios. No Oriente póde-se conhecer o panico, mas ignora-se o que é o medo.

Pois bem! Eis o que me aconteceu n'essa terra da Africa:

Eu ia atravessando as immensas dunas, ao sul de Ouargla. E' um dos paizes mais extraordinarios que existem. Os senhores co-



Na Escola do Exercito. — Cerimonia militar

Os alumnos da Escola do Exercito assistindo à cerimonia

hecem a areia lisa e direita das margens interminaveis do Oceano. Pois imaginem esse mesmo Oceano transformado em areal, no meio de um furacão; imaginem uma tempestade silenciosa de ondas de areia amarella, enormes e immoveis. São da altura de montanhas, essas ondas deseguaes, diferentes umas das outras, erguidas exactamente como ondas desencadeadas, mas ainda maiores e estriadas de reflexos. O sol devorador do meio dia lança sobre este mar furioso, mudo e sem movimento, as suas chammas implacaveis e directas. E' preciso trepar a essas ondas de pó de ouro, descer, tornar a subir, subir constantemente, sem descanso nem sombra. Os cavallos teem estertores, enterram-se até aos joelhos, e escorregam, descendo a outra vertente d'aquellas collinas surprehendedentes.

Eu ia com um amigo, e eramos seguidos por oito *spahis* e quatro camelos conductores. Já não falavamos, acabrunhados pelo calor, pela fadiga, e devorados pela sede como aquelle deserto abrazado. De repente, um dos homens soltou uma especie de grito; todos pararam; e ficámos immoveis, surprehendedidos por um phenomeno inexplicavel, conhecido dos viajantes n'aquellas regiões desertas.

Perto de nós, em uma direcção indeterminada, rufava um tambor, o mysterioso tambor das dunas; rufava claramente, ora mais fraco, parando e continuando logo em seguida o seu rufar phantastico.

Os arabes, assustados, olhavam uns para os outros, e um d'elles disse, na sua lingua: "A morte está sobre nós." E eis que, de repente, o meu companheiro, meu amigo, quasi meu irmão, cahe do cavallo, de bruços, fulminado por uma insolação.

E, durante duas horas, emquanto eu diligenciava debalde salvá-lo, aquelle tambor invisivel perseguiu-me com a sua bulha monotona, intermitente e incomprehensivel, e eu sentia o medo introduzir-se nos ossos, o verdadeiro medo, o medo horrivel, defronte d'aquelle cadaver querido, n'aquelle buraco abrazado pelo sol, entre quatro montanhas d'areia, ouvindo o ecco desconhecido trazer-nos, a duzentas leguas de qualquer aldeia franceza, o rufar rapido do tambor. N'esse dia comprehendi o que era ter medo; soube-o melhor uma outra vez...

O commandante interrogou o narrador:

— Perdão, mas esse tambor? O que era?

O viajante respondeu:

— Não sei. Ninguem o sabe. Os officiaes, surprehendedidos, muitas vezes, por aquelle ruido singular, attribuem-o geralmente ao ecco augmentado, multiplicado, excessivamente exaggerado pelos silencios das dunas, de uma saraivada de grãos de areia, arrebataados pelo vento, e batendo de encontro a um mólho de hervas seccas, porque se tem notado, sempre, que o phenomeno se produz nas proximidades de pequenas plantas queimadas pelo sol e duras como pergaminho.

Esse tambor seria, portanto, uma especie de reflexo do som, nada mais. Mas não vim a saber isto senão mais tarde.

Vou contar agora a minha segunda commoção.

Era no inverno passado, em uma floresta ao nordeste da Franca. Anouteceu duas horas mais cedo, tão escuro estava o ceu. O camponez, que me guiava, ia ao meu lado, por um caminho estreito, sob uma abobada de pinheiros aos quaes o vento desencadeado arrancava rugidos. Por entre as copas viam-se correr as nuvens em debandada, nuvens espavoridas que pareciam fugir de alguma cousa assustadora. A's vezes, a uma rajada immensa, a

floresta inclinava-se toda no mesmo sentido, com um gemido de dôr e o frio invadia-me apesar de eu ir bem abafado e caminhar-mos depressa.

Deviamos ir ceiar e dormir a casa de um guarda florestal, casa que já não ficava muito longe. Eu ia para ali caçar.

O meu guia levantava a cabeça, de vez em quando, e murmurava: "Triste tempo! — Depois falou-me no guarda e na familia. O guarda matara um caçador furtivo, dois annos antes, e desde então, parecia andar preocupado, como que perseguido por uma recordação. Tinha dois filhos casados que viviam com elle.

As trevas eram profundas. Eu não via nada em torno de mim e a ramaria das arvores, agitando-se de encontro umas ás outras, causava um rumor incessante no meio da escuridão. Afinal avistei uma luz, e d'ahi a nada, o meu companheiro batia a uma porta. Responderam-nos gritos agudos de mulheres. Em seguida, uma voz de homem, uma voz soffocada, perguntou: "Quem está ahí?". O meu guia disse o nome. Entrámos. Foi um quadro inolvidavel, o que presenciámos.

Um homem de cabellos brancos, olhar desvairado, com a espingarda carregada na mão, esperava nos, de pé, no meio da cosinha, emquanto que dois rapagões altos, armados com enxadas, guardavam a entrada da casa. Nos cantos escuros d'esta pude vêr duas mulheres de joelhos, com o rosto escondido contra a parede.

Explicámo-nos. O velho foi pôr a espingarda no seu logar e ordenou que me arrandassem o quarto; depois, como as mulheres não se moviam, disse-me bruscamente:

— Isto, senhor, é porque eu matei um homem, faz esta noite dois annos. Elle o anno passado veio aqui chamar-me, hoje tambem o espero.

E acrescentou, n'um tom que me fez sorrir:

— Por isso, não estamos descançados.

Soceguei e conforme pude, contente por ter ido exactamente n'aquella noute e assistir ao espectáculo d'aquello terror supersticioso. Contei historias e consegui serenar todos mais ou menos.

Proximo da chaminé, um cão velho, quasi barbado, um d'estes cães que se parecem com pessoas que conhecemos, dormia com o focinho em cima das patas.

Lá fóra, a tempestade furiosa açoutava a casa, e, por um vidro estreito, uma especie de fresta aberta ao lado da porta, vi, de repente, um montão de arvores sacudidas pelo vento, á luz de grandes relampagos.

Eu sentia perfeitamente que, apesar dos meus esforços, aquella gente estava dominada por um terror profundo, e, cada vez que eu cessava de falar, todos os ouvidos se punham a escuta. Farto de



Na Escola do Exercito. — Cerimonia militar

O sr. general Sebastião Telles

collocando no peito do veterano Antonio da Silva a medalha de ouro

(Clicho de A. C. Lima).

assistir áquelles sustos imbecis, ia pedir para me deitar, quando o velho guarda saltou, de repente, da cadeira e agarrou outra vez na espingarda, balbuciando com voz transtornada: "Ahi está elle! Ahi está elle! Ouviu-o agora!". As duas mulheres tornaram a cahir de joelhos aos cantos da casa, escondendo a cara na parede; os filhos



pegaram nas enxadas. Eu ia tentar ainda fazel-os socegar, quando o cão adormecido acordou bruscamente e, levantando a cabeça, extendendo o pescoço, olhando para o lume com os olhos quasi extinctos, soltou um d'estes uivos que fazem estremecer os viajantes, á noite, no campo. Todos os olhares se dirigiram para o cão; elle estava immovel, como se uma visão o tivesse feito erguer e poz-se outra vez a uivar para alguma cousa invisivel, desconhecida, terrivel, de certo, porque o pello eriçava-se-lhe todo. O guarda, livido, gritou: "Elle sente-o! dá-lhe o faro! estava ao pé quando eu o matei!", e as mulheres com a cabeça perdida, puzeram-se a gritar juntamente com o cão.

Não pude deixar de sentir um calafrio, aquella visão do animal, n'aquelle logar, áquella hora, no meio d'aquella gente desvairada, era verdadeiramente aterradora.

O cão uivou durante uma hora sem se mexer; uivou como na angustia de um sonho; e o medo, o terrivel medo, apoderava-se de mim; medo de quê? Sei-o eu, porventura? Era o medo, eis tudo.

Estavamos immoveis, lividos, esperando um acontecimento horrivel, com o ouvido á escuta, o coração palpitante, e perturbados pelo mais leve ruido.

E o cão poz-se a andar á roda da casa, cheirando as paredes e gemendo sempre. Aquelle animal endoidecia-nos! Então o campo-nez que me acompanhara até ali deitou-se a elle, em uma especie de paroxismo de terror furioso, e, abrindo uma porta que dava para um pateo pequeno, atirou o animal para lá.

Elle calou-se immediatamente; e ficámos mergulhados em um silencio ainda mais terrificante. De repente tivemos uma especie de sobresalto, todos ao mesmo tempo: alguém deslisava junto da parede de fóra que dava para a floresta; em seguida passou de encontro á porta que pareceu apalpar com mão hesitante; depois não se ouviu mais nada durante dois minutos que nos tornaram insensatos; depois tornou a vir, sempre rente, á parede, e rapou levemente, como poderia fazel-o uma creança, com as unhas; de repente appareceu uma cabeça branca, com olhos luminosos como os das feras. E a bôcca exhalou um som, um som indistincto, um murmurio lastimoso.

Ouviu-se então um ruido formidavel. O velho guarda disparara. E os filhos precipitaram-se immediatamente, tapando a fresta com a grande mesa que encostaram á parede, com o armario em cima.

E juro-lhes que ao estrondo do tiro, que eu não esperava, tive uma tal angustia de coração, de alma e de corpo, que me senti desfallecer, prestes a morrer de medo.

Estivemos ali até romper a manhã, incapazes de nos movermos, de dizer uma palavra, crispados por um terror incrível.

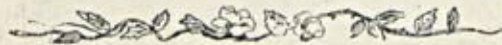
Não nos atrevemos a desmanchar a barricada emquanto não avistámos um tenue raio de luz pela fenda de um telheiro.

No chão, encostado á porta, jazia o velho cão, com a garganta atravessada por uma bala.

Sahira do pateo fazendo uma abertura debaixo de uma palissada.

O homem de rosto bronzeado calou-se; depois accrescentou: — Comtudo, n'essa noite não me arrisquei a cousa nenhuma; mas preferia recommear todas as horas em que affrontei os perigos mais terribes, a repetir o minuto do tiro na cabeça barbada da Gruta.

GUY DE MAUPASSANT.



## Assumptos taurinos

### Os touros de Luiz Gama em Madrid



Luiz Gama

(Cliché de Vidal & Fonseca — Lisboa)

vezes os picadores, matando sete cavallos, e mostrando-se sempre tão bravo que o publico se manifestou por mais de uma vez louco de enthusiasmo.

Luiz Gama, o afamado creador de rezes bravas, obteve um legitimo successo no dia 7 do mez passado, na praça de Madrid, onde apresentou a sua primeira corrida de touros e na qual já na época finda tinha feito lidar duas novilhadas a segunda das quaes foi julgada muito boa.

Alem da corrida do dia 7, que obteve enorme exito, foi tambem no dia 18 lidada em Madrid uma novilhada do afamado *ganadero* a quem toda a imprensa do reino visinho elogia pela bravura e excepcional nobreza que todos os touros e novillos apresentaram, tornando-se verdadeiramente notavel o já celebre *Gaditano* que, na corrida de touros, sahio em terceiro logar, derrubando oito

Sabemos que Luiz Gama tem já uma outra corrida vendida para Madrid que será estoqueada por Fuentes, Bombita e Machaquito e que de varias praças de Hespanha lhe estão sollicitando touros. Justo é que Luiz Gama, que bem merece todos os elogios que a imprensa hespanhola lhe está prodigalizando, colha o justo premio do seu trabalho e das suas grandes despesas alliadas a não poucos desgostos.

Que continue a ser feliz eis, o que sinceramente desejamos ao brioso *ganadero*.



## EGREJAS, MOSTEIROS E CAPELLAS



Vianna do Alemtejo. — Egreja de Nossa Senhora d'Ayres

Edificada em sitio magnifico esta egreja passa por ser uma das primeiras, pela sua riqueza e architectura, de toda a provincia do Alemtejo.

E' muito concorrida deromeiros no dia da festa da senhora d'Ayres.

Na sua «casa dos milagres» vêem-se varias promessas entre as quaes um interessante quadro de 1738 representando uma enfermaria em que uma familia inteira está doente de malina e que, depois de desenganada pelo medico, foi curada pela virgem.

Proximo d'esta egreja descobriu-se ha tempo um cemiterio romano que foi explorado debaixo da direcção do Museu Ethnologico de Lisboa, encontrando-se n'elle varias preciosidades para a historia da época romana em Portugal.

## Á VIRGEM SANTISSIMA

N'um sonho todo feito de incerteza,  
De nocturna e indizivel anciedade,  
E' que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,  
Nem o ardor banal da mocidade,  
Era outra luz, era outra suavidade,  
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura  
Feita só de perdão, só de ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Anthero de Quental.

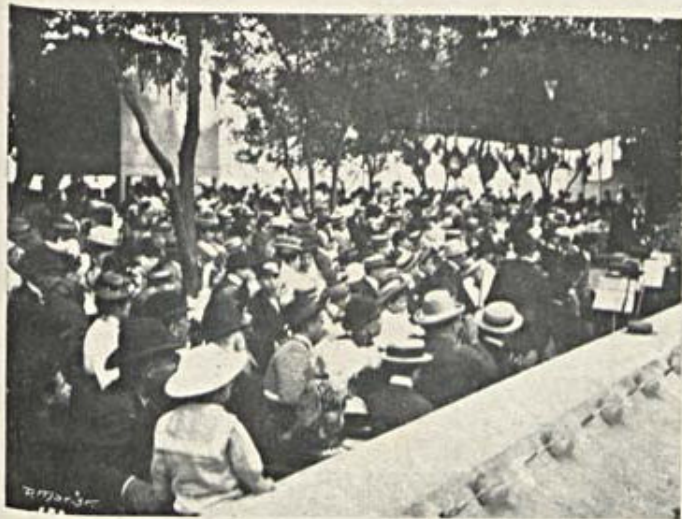


# Paraíso de Lisboa

# A prima Sally Dilliard

Continuamos a publicar gravuras, reproduzindo as varias installações d'este recinto de espectaculos e diversões publicas que está civilisando a capital, e dando creditos a quantos se abalancaram a uma empreza arrojada como esta n'um paiz em que a rotina e o atrazo dominam e em geral triumpham.

Grande pode ser a campanha que contra este civilizador melhoramento irrompa de todos os lados. Está isto aos habitos d'esta boa terra e da nossa boa gente. Entre os combatentes, que em interesses se reputem lesados, muitos haverá que tenham já sido



Matinée no "Paraíso de Lisboa.,  
Assistindo ao espectáculo no theatro do Lago

combatidos. Não são diferentes os processos, não mudam as orientações nem os habitos e mais uma vez prova a sua razão de ser a velha maxima latina *Nihil sub sole novum*.

Conscia de que prestou á cidade um bom serviço, e de que dá a todos os estrangeiros, que nos visitem, a impressão de que visitam terra civilisada, e que a celebre phrase do velho Dumas *A Europa começa para lá dos Pyrin'os* já não tem razão de ser, a empreza, a exemplo do sr. João Franco, tem só uma cousa a fazer — é marchar para a frente!

A glissagem, onde a creança nas *matinées* tem passado as mais deliciosas horas da sua vida, e ás noites a rapaziada fina desliza de prazer na estonteante descida; a patinagem, o instructivo e hygienico *sport* que tantos amadores tem, pois que até ás 2 horas da manhã está sempre funcionando, dando logar a scenas engraçadas, a gargalhadas francas e communicativas, quando algum dos patinadores menos experiente se estende; os dois lindos theatros, onde as elegantes francezas e as desenvoltas hespanholas tem exhibido a sua graça e a sua arte, onde grande numero de artistas excéntricos, illusionistas, musicos, cantores, entretêm alegremente todas as noites os milhares de espectadores que enchem as plateias, tudo isto ao bello *clair de la lune*, n'estas noites quentes, dando-nos no lago os jogos d'agua a mais agradável impressão de frescura; a carreira de tiro, superiormente montada em ferro, a explanação, o mais bello e agradável logar de todo o recinto, onde sentado a uma mesa, tomando qualquer refresco se está gozando de camarote tudo o que se passa no cine-theatro e no vasto jardim, o bello *restaurant*, em que se janta e se ceia ao ar livre, os varios jogos esportivos por toda a parte, a profusão de luz em centenas de arcos voltaicos e em graciosas lanternas de côres, perfeita imitação de illuminação a *giorno*, o magnifico cinematographo Paraizo, o melhor que tem vindo a Lisboa pela sua nitidez e perfeição e pelas admiráveis vistas do Japão e seus costumes, da Suissa, etc., todas da maior novidade e interesse, tudo isto enfim, este conjunto de distracções, de frescura e de bem estar, justifica de sobra o nome do *Paraizo de Lisboa* muito mais seductor que o *Paraizo da escriptura* porque em vez de uma abundam alli as Evas da tentação.

N'um restaurante.  
— Rapaz serve-me gallinha com mólho de villão e Porto de 1864.  
O creado traz lhe as duas coisas.  
D'ahi a dez minutos:  
— Rapaz, que te pedi eu?  
— Gallinha com mólho de villão e Porto de 1864.  
— Sim, mas enganaste-te. O Porto tem mólho de villão e a gallinha é de 1864.

## Humorismo Norte-Americano

O advogado Chops levanta-se.

— Senhores juizes e senhores jurados, nun a desde que tenho a honra de exercer bem ou mal (não me compete apreciar) a profissão de advogado, tive que defender perante um tribunal uma causa tão clara.

\*Nunca tambem se viu n'um paiz livre mais doloroso escandalo, scena de violencia mais inqualificavel, do que esta de que foi theatro a casa do meu cliente, o capitão Rice. Aqui de nada serve a eloquencia; os factos falam com mais auctoridade do que eu o podia fazer.

\*As testemunhas que intimei e que lhes vou apresentar, sem custo os convencerão.

A primeira testemunha que compareceu declarou que estava em casa do capitão Rice. Ouvia bulha, como de dois homens que se reholavam no chão e faziam cair os moveis; mas passava-se isso n'outra sala, e não onde elle estava; não lhe ligou importancia e nada viu.

A segunda testemunha diz que lhe parece ter visto o capitão Rice e outro individuo engalinhados; mas não conhece esse individuo, ignora de que se tratava, e não sabe qual dos dois começou.

A terceira diz que tinha bebido tanto que se não lembra absolutamente de cousa nenhuma.

O processo não anda nem desanda. Juizes e jurados dão signaes de impaciencia.

*Chops*. — Deploro, meus senhores, ter-lhes feito perder o seu tempo a ouvirem os depoimentos de semelhantes pedaços d'anos. Creiam que os não teria intimado para comparecerem aqui, se soubesse, como acabo de saber, que tinha aqui á mão uma testemunha intelligente, conhecedora dos factos, e capaz de os explicar com toda a clareza desejavel. Ande cá, sr. Harris, e preste juramento.

Gordo e baixo. Harris apresenta-se e presta juramento com ar de homem que sabe o que faz.

*Chops*. — Harris, queira contar-nos o que se passou em casa do capitão Rice. O tribunal já perdeu bastante tempo com as testemunhas que o precederam. Obseequeia-nos sendo claro e rigoroso.

*Harris*. (piscando os olhos). — Perfeitamente.

Tosse para aclarar a voz, escarra, tosse outra vez e principia: E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de branquear todos os que fossem a casa d'elle Bem. Então, minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally —



Matinée no "Paraíso de Lisboa.,  
Na glissagem. — A boa disposição dos viajantes...  
(Clíchés de A. C. Lima).

apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally que minha mulher não anda boa, que tem o diabo do rheumatismo n'um quadril, que exactamente no caminho de casa do capitão Rice, fica um grande charco, e que tendo chovido muito, o charco ha de estar cheio; mas enfim, visto ser ella, — a prima Sally, — que assim o deseja, deixarei ir minha mulher



Então a prima Sally pergunta se Moysés, meu filho, as podia ou não acompanhar. Respondo que Moysés anda a recolher o feno, e que o feno este anno é muito bom; mas enfim, visto ser ella a prima Sally que assim o deseja, deixarei tambem ir Moysés.

*Chops.* — Com seiscentos milhões de diabos, sr. Harris, que temos nós com tudo isso?

*Harris.* — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se



Matinée no "Paraiso de Lisboa,,  
A Bella Oriental no palco do Lago

eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally. . .

*Chops.* — Basta, testemunha. Não nos importa para nada com sua mulher nem com sua prima Sally. Conte-nos a scena do pugilato.

*Harris.* — Isso quero eu. O senhor é que me está a interromper.

*Chops.* — Pois então siga.

*Harris.* — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher. . .

*Chops.* — E lá torna elle. Silencio, testemunha.

*Harris.* — Mas então o que é que os senhores me querem?

*Chops.* — Queremos a narrativa da desordem, e não queremos as suas tolas historias. Está ao não está ao facto do que succedeu?

*Harris.* — Já se vê que estou.

*Chops.* — Então conte.

*Harris.* — E' de saber que o capitão Rice. . .

*Chops.* — E então o animal não torna a mesma! . . . Peço ao tribunal que intervenha e que faça saber á testemunha que lhe está faltando ao respeito.

*O juiz.* — Testemunha, está perante um tribunal, e, se não se porta de outra maneira, vejo-me obrigado a mandal-a prender. Diga-nos o que sabe do processo e nada mais.

*Harris.* — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os. . .

*Chops.* — Requeiro ao tribunal a prisão da testemunha.

*O juiz (depois de consultar os seus collegas).* — O tribunal entende que o melhor será talvez deixar o testemunha contar os coizas a seu modo. Continue, testemunha; mas por Deus, vamos ao essencial.

*Harris.* — E' de saber que o capitão Rice fizera constar que n'esse dia havia de banquetear todos os que fossem a casa d'elle. Bem. Então minha prima Sally Dilliard — bem bonita mulher a prima Sally — apparece em minha casa pela manhã e pergunta-me se eu dou licença para minha mulher ir com ella a casa do capitão Rice. Respondo á prima Sally que minha mulher não anda boa, que tem o diabo do reumatismo n'um quadril, que exactamente no caminho da casa do capitão Rice fica um grande charco, e que, tendo chovido muito, o charco ha de estar cheio; mas enfim, visto ser ella, a prima Sally, que assim o deseja, deixarei ir minha mulher. Então a prima Sally pergunta se Moysés, meu filho, as podia ou não acompanhar. Respondo que Moysés anda a recolher o feno, e que o feno este anno é muito bom; mas enfim, visto ser ella — a prima Sally — que assim o deseja, deixarei tambem ir Moysés. Põem-se a caminho, Moysés, minha mulher e a prima Sally, e chegam ao charco. Eu adivinhára. O charco estava cheio. Havia um tronco de arvore a servir de ponte. Moysés e a prima Sally, como pessoas de juizo, passam pelo tronco sem se molhar; mas minha mulher, como uma palerma que é, levanta as saias, não faz caso do tronco, e começa a patinhar no charco. Imaginem o estado em que voltou para casa! . . . E' o que sei do caso do capitão Rice.

Hamilton Jones.

## Flôres sobre um tumulo

Roseira de brancas flôres  
Que pendes sobre esta lousa,  
Deixa cahir teus perfumes  
Sobre quem n'ella repousa.

Flôr mais pura que as estrellas  
Era essa virgem querida,  
Que veiu pedir-te a sombra  
Na primavera da vida.

Tive-lhe amor desde a infancia  
E sei que dóce harmonia  
Entre esse archanjo formoso  
E o mundo todo existia.

Mas ai! se a luz das estrellas  
Ainda os espaços corta,  
Se a terra floresce ainda,  
Ella — ai de mim! — ella é morta.

Sobre uma flôr chovam flôres!  
Se n'este pobre momento  
Ninguem vem desfolhar goivos,  
Cubra-o de rosas o vento.

E a virgem que n'estes ermos  
Passar da lua aos fulgores,  
Fique sentada sobre elle,  
A scismar nos seus amores.

Guilherme Braga.

## FENSAMENTOS

Quem nada teme é mais forte que quem de todos é temido.

SCHILLER.

Quem não possui outro valor senão o dos seus antepassados, é como as batatas, que o bem que teem está debaixo da terra.

OVERBURY.

Deus fez o primeiro jardim e Caim a primeira cidade.

COWLEY.

Livres pensadores são geralmente aquelles que nunca pensam.

STERNE.

Toda a creança é até certo ponto um genio e todo o genio é até certo ponto uma creança.

SCHOPENHAUER.



Matinée no "Paraiso de Lisboa,, — Skating-ring  
Ao centro o sr. Francisco Raposo de Souza d'Alte  
(Cliché de A. C. Lima).